

# Quanto uma experiência religiosa pode custar? Versões comerciais da oferta religiosa nos Países Baixos<sup>1</sup>

## *How much may a religious experience cost? Commercial versions of religious supply in the Netherlands*

Erik Sengers\*

**Resumo:** No mercado da religião há muitos empreendedores que oferecem serviços com bases comerciais que, antes, eram oferecidos pelas principais igrejas cristãs gratuitamente. Este artigo analisa e descreve esses serviços e discute sua relação com as noções de religião em geral e com a religião cristã especialmente. Os dados foram tomados na sociedade holandesa; esse contexto é discutido na primeira seção. Os Países Baixos formam uma região de cultura plural, porém bastante secular, onde ainda muitas pessoas sentem a necessidade de buscar serviços religiosos. Combinados com a ausência de regulamentação sobre a religião, isso resulta em muitos empreendedores oferecendo seus serviços. A segunda seção é teórica e discute a natureza da religião, o papel do mercado religioso e as funções da religião e das atividades de fornecedores religiosos. Na terceira seção, discutem-se exemplos classificados em “serviços relacionados ao ciclo da vida”, “serviços relacionados às questões da vida” e “serviços relacionados à coesão social”. Torna-se claro que esses empreendedores comerciais oferecem uma forma religiosa do tipo “Nova Era” – enquanto uma experiência divina interna. Eles também preenchem muitas das funções das religiões e das igrejas. Por motivos teológicos, o autor entende que ainda há boas chances para serviços religiosos sob formas tipicamente cristãs ou orientadas para a igreja.

**Palavras-chave:** mercado religioso, Nova Era, igrejas tradicionais, Países Baixos,

**Abstract:** On the market of religion, there are many entrepreneurs that offer services on a commercial basis that were previously offered by the main Christian churches for free. This paper analyses and describes these services and discusses their relation to notions of religion in general and to Christian religion specifically. The data are taken from Dutch society; this context is discussed in the first section. The Netherlands are a pluralistic yet very secular country, where still many people

---

\* Tradução de Tatiana Machado Boulhosa, doutoranda em Ciências da Religião no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

\* Sociólogo da Religião, Universidade Teológica Kampen e Universidade VU, Amsterdã, Países Baixos. Junto a sua carreira acadêmica, ele é diretor de caridade da diocese de Haarlem-Amsterdã. dr.sengers@gmail.com

feel a need for religious services. Combined with the absence of regulation of religion, this results in many entrepreneurs offering their service. The second section is theoretical and discusses the nature of religion, the role of the religious market, and the functions of religion and activities by religious suppliers. In the third section, examples are discussed under the headings 'service in the life cycle', 'service in questions of life' and 'service in social cohesion'. It becomes clear that these commercial entrepreneurs offer a New Age-form of religion - as a divine inner experience. They also fulfill many functions of religion and churches. On theological grounds, the author thinks there still is a good chance for typical Christian or church-oriented forms of religious services.

**Key-words:** Market of Religion, New Age, traditional Churches, Netherlands

### Introdução

Em 2006, eu vi um episódio de uma série de televisão holandesa chamada *O futuro dos Países Baixos* ([www.vpro.nl/detoekomst](http://www.vpro.nl/detoekomst)). O tema do episódio era *O futuro da religião*. Ele mostrava uma grande variedade de atividade religiosa nos Países Baixos: um pai e seu filho convertidos ao Budismo, católicos conservadores participando de uma procissão e sonhando com a restauração da posição social da Igreja, jovens evangélicos organizando um culto que mais parecia um concerto pop. Entretanto, um exemplo marcou-me mais: um homem que oferecia, segundo regras comerciais, serviços ritualísticos – nesse caso, para um casal que não se casara na Igreja, mas que queria uma cerimônia “religiosa” para pedir a bênção de um poder sobrenatural benevolente. Em uma cerimônia que – a partir do que foi ao ar – claramente lembrava a liturgia tradicional da Igreja (introdução, leitura de textos, sermão, bênção), o celebrante, que se vestia como um padre católico, misturou elementos de diferentes tradições religiosas existentes e re-inventadas: fizeram-se muitas referências às deusas da terra e da fertilidade e também se utilizou muito incenso. Na entrevista, antes e depois da cerimônia, o sacerdote e o casal enfatizaram o fato de que não se sentiam à vontade com a liturgia tradicional cristã (especialmente a católica romana) e que queriam mais liberdade para expressar suas individualidades religiosas.

O exemplo fascinou-me porque deixou claro que, por um lado, as pessoas obviamente necessitam de empreendedores religiosos ou ritualísticos (nesse caso) – apesar da constante afirmação da religiosidade individual, permanece a necessidade de certo nível de organização – e que, por outro lado, houve a comercialização ou comodificação de funções sociais que eram, até pouco tempo, claramente religiosas. E quando se observa a religiosidade moderna desse ponto de vista, vê-se que, hoje, muitos empreendedores oferecem serviços religiosos ou quase religiosos que, até

recentemente, pertenciam apenas ao escopo das igrejas cristãs. Treinadores motivacionais oferecem serviços que lembram palestras pastorais, palestrantes seculares podem ser contratados para funerais e casamentos, mediadores restauram a harmonia social e a paz. Essas observações e pensamentos levaram à questão central deste artigo: que funções da religião são hoje encontradas no mercado comercial? Em outras palavras: o que os empreendedores fazem que, até pouco tempo, era feito pelas igrejas cristãs? E, como resultado dessa questão central, pode-se propor muitas outras. Essas formas comerciais substituem a religião em partes ou como um todo? O que fazem é religioso ou eles deixam essa esfera para as igrejas? O que essa tendência diz sobre o papel da religião na sociedade moderna? Esses empreendedores estão em atividade em outros países também? O que isso diz sobre a institucionalização da religiosidade, à luz da contínua individualização da religião?

Nem todas as questões podem e deverão ser suficientemente respondidas neste artigo. O foco aqui será um inventário de atividades comerciais que podem ser rotuladas como religiosas ou quase religiosas, e o confronto de seus feitos com noções sociológicas sobre a religião. O contexto de referência são os Países Baixos. Os Países Baixos são uma sociedade liberal e individualizada em que muitas dessas atividades florescem. Pesquisas mostram, de forma clara, que a religiosidade está amplamente espalhada, mas que é pouco praticada em organizações cristãs. Isso oferece um solo fértil para novos fornecedores. As informações foram retiradas especialmente da *internet*, ou seja, esses exemplos ainda não foram discutidos pela literatura (científica). Os exemplos foram escolhidos aleatoriamente. Alguns exemplos foram retirados de comunicados de imprensa. Por exemplo, a organização de Verstappen ([broze.nl](http://broze.nl), ver abaixo) foi anunciada em um site holandês com notícias sobre religião. Outros exemplos foram providos pela literatura; Aupers foi particularmente útil nesse aspecto. Outros exemplos foram encontrados através da utilização de mecanismos de busca como o Google. Não se considera os exemplos como representativos de todo um setor. Não obstante, espera-se que deem conta de passar uma imagem clara e imparcial do que está acontecendo no setor comercial da religião.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma. Na segunda parte, o contexto holandês da igreja e da religião é apresentado. Os Países Baixos são extremamente secularizados no sentido de que as igrejas e as formas religiosas oficiais têm um papel marginal. Entretanto, ainda há muita “religião”; há uma busca por ofertas religiosas ou espirituais. O artigo discutirá alguma dessas ofertas. Na terceira parte, discutem-se algumas noções sociológicas teóricas sobre esse tipo de atividades religiosas. O que é, a partir de uma perspectiva sociológica, a religião? Quais as funções sociais da religião? E qual é – do ponto de vista da Sociologia – o significado das atividades tipicamente religiosas como a liturgia e o pastorado? Nesse

momento, esboça-se também o contexto social, a saber: aquele do mercado religioso. Na quarta parte, algumas atividades comerciais são apresentadas e discutidas do ponto de vista de sua “religiosidade”. Pelo bem da clareza, elas foram agrupadas em diversas categorias: “serviços relacionados ao ciclo da vida”, “serviços relacionados às questões da vida” e “serviços relacionados à coesão social”. A última parte avaliará as atividades a partir da perspectiva das novas formas da religião organizada.

### O mercado religioso holandês

Apesar da secularização em massa, os Países Baixos, ainda são um país católico. A Tabela 1 lista algumas das maiores denominações. A Igreja Católica Romana (ICR) é a maior igreja, seguida pela Igreja Protestante dos Países Baixos (IPPB). Essa igreja é uma fusão da Igreja Holandesa Reformada, aneo-Calvinista-*Gereformeerde Kerken* (Igrejas Reformadas) dos Países Baixos e da Igreja Luterana-Evangélica, que ocorreu em 2004. Outros grupos pequenos, porém importantes, são de calvinistas e liberais pietistas (Igreja Holandesa Episcopal, Arminianos e Menonitas), muitos deles genuinamente holandeses em sua origem.

*Tabela 1: Pertença a igrejas cristãs nos Países Baixos<sup>2</sup>*

	SCP <sup>3</sup> 2004/2005	WRR2006 <sup>4</sup>
ICR	4.644.800	4.406.000
IPPB	2.002.155	1,944.000
Pietistas reformados	203.526	221.000
Liberais	20.398	19.000
Outras	146.162	156.000
Total de Igrejas cristãs	7.403.500	7.132.000
População total.	16,300,000	

Com base nesses dados, pode-se concluir que apenas uma minoria da população holandesa pertence à igreja cristã. Becker e De Hart calculam que a pertença à igreja no biênio 2004/2005 tenha sido de 45,4%. Não obstante, pesquisas em que as pessoas puderam se identificar como pertencendo ou desejando pertencer a certa denominação, apontaram para uma pertença ainda mais baixa. Em 2007 Dekker listou 16% para a ICR; 14% para a IPPB e 9% para as outras; logo, 61%

<sup>2</sup> Dados segundo Bernts, T.; De Jong, G.; Yar, H., Een religieuze atlas van Nederland. In: W. Van de Donk et al. (eds.). *Geloven in het publieke domein*, pp.30-31 e J.Becker.; J.De Hart, *Godsdienstige veranderingen in Nederland*.

<sup>3</sup> SCP = Sociaal en Cultureel Planbureau, [Escritório para o planejamento social e cultural. N.T.]

<sup>4</sup> WRR = *Wetenschappelijke Raad voor het Regeringsbeleid* [Conselho Científico para a Política Governamental, N.T.]

foram classificados como sem-igreja.<sup>5</sup> Kronjee e Lampert calcularam, através da pesquisa do CCPG, que apenas 28% dos crentes estão organizados (25% cristãos e 3% outros) e que, portanto, 72% deles estão desorganizados.<sup>6</sup>

Apenas a membresia não diz muito sobre a posição das corporações eclesiais tradicionais na sociedade. Qualquer pessoa que compareça a uma missa dominical notará que o comparecimento é menor do que os números de pertença sugerem. Como um índice de comprometimento nós podemos tomar o comparecimento à igreja. O Instituto Eclesiástico Estatístico Católico KASI<sup>7</sup> traz números bastante precisos de comparecimento semanal à igreja para Católicos (8% em 2004) e a estimativa de comparecimento à IPPB de 21%. Outra forma de avaliar o comparecimento à igreja é através de pesquisas.

*Tabela 2: Comparecimento à Igreja de seus membros (porcentagem)  
2a: Deus nos Países Baixos<sup>8</sup>*

	ICR	IPPB	Outras
Regular	25	40	72
Às vezes	36	23	13
Quase nunca	27	20	9
Nunca	12	17	6

*2b: Godsdienstige veranderingen<sup>9</sup>*

	Comparecimento regular 2004 (Pelo menos quinzenal)
Católicos	19
Holandeses reformados	46
Neo-Calvinistas	63
Outros	61

<sup>5</sup> Cf. G.Dekker, Het christelijk godsdienstig en kerkelijk leven. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*. p.14.

<sup>6</sup> Cf. G.Kronjee; M. Lampert, Leefstijlen en zingeving. In: W. van de Donk et al. (eds.). *Geloven in het publieke domein*, p.176.

<sup>7</sup> Cf. www.ru.nl/kaski, citado em Becker, J. W.; De Hart, J.; Mens, J., *Secularisatie en alternatieve zingeving in Nederland*. Rijswijk: Sociaal en Cultureel Planbureau, 1997, p.32)

<sup>8</sup> Cf. G.Dekker, Het christelijk godsdienstig en kerkelijk leven. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*, p18.

<sup>9</sup> Godsdienstige veranderingen = *Mudanças religiosas*. Dados segundo Becker, J.; De Hart, J. *Godsdienstige veranderingen in Nederland*.

Fica claro que a maioria dos membros de uma igreja não vai aos serviços dominicais regularmente, exceto pelos “outros”, embora não fique claro quem eles sejam. Pesquisas mais detalhadas revelam que são majoritariamente os idosos que comparecem aos serviços religiosos. Os dados do IPSPB sugerem um aumento no comparecimento à igreja entre os membros da igreja nos últimos anos, inclusive entre seus membros mais jovens, mas podemos nos perguntar se essa tendência se confirmará.

Quando se toma a fé cristã como ponto de referência, a conclusão poderia ser de que a religiosidade entre os holandeses diminuiu. Mas, por outro lado, dados de pesquisa apontam para uma mudança em direção a uma busca por uma forma mais liberal, pessoal, vaga, “pós-moderna” de religião. Evidentemente, os sem-igreja pouco comparecem aos serviços religiosos ou visitam um clérigo quando têm problemas de consciência e defendem a posição de que a religiosidade tem pouco a ver com as igrejas. Mas o que pensar das seguintes conclusões encontradas no livro de Dekker?<sup>10</sup>

- 6% dos sem-igreja são da opinião de que as igrejas oferecem muitas coisas; 25%, entendem que elas oferecem o suficiente.

- 8% dos sem-igreja gostariam de passar por um ritual de ciclo da vida em uma igreja, 16% de passar por um ritual em uma igreja, porém à sua maneira e 28% de passar por um ritual, mas não em uma igreja.

- 8% dos sem-igreja podem ser considerados teístas e 34% acreditam que deve haver “algo”.

- 20% dos sem-igreja acreditam que Cristo seja o Filho de Deus ou um enviado de Deus, 35% deles acreditam que ele seja uma pessoa especial com dons extraordinários.

- 46% dos sem-igreja dizem que rezam de vez em quando.

- 29% dos sem-igreja acreditam em vida após a morte.

- 43% dos sem-igreja consideram-se pessoas religiosas, para 21%, a fé é de importância considerável ou extremamente considerável.

---

<sup>10</sup> Cf. G. Dekker, *Het christelijk godsdienstig en kerkelijk leven*. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*, páginas 29, 30, 42, 44, 47, 49, 54 e 56.

Esses dados, que estão em conformidade com os dados do SCP, revelam que alguns ensinamentos cristãos substanciais podem ser encontrados entre os sem-igreja (37% acreditam em vida após a morte; 25%, no Paraíso e 31%, em milagres religiosos; a crença no “diabo” ou no “inferno” é bem menor)<sup>11</sup>. Chama atenção também o fato de que a ortodoxia religiosa entre as gerações mais novas dos sem-igreja seja maior do que entre as gerações mais velhas.<sup>12</sup>

O relacionamento entre igreja e Estado nos Países Baixos<sup>13</sup> não está sujeito a leis especiais – nem mesmo na Constituição – ou a acordos como uma Concordata. No Estado holandês moderno (desde a Constituição Revolucionária de 1798), a relação é regida por quatro princípios. O primeiro princípio é o da igualdade. Todos os corpos religiosos nos Países Baixos são considerados iguais e a pertença a uma ou outra denominação não constitui uma vantagem ou desvantagem para o indivíduo. O segundo princípio é o da liberdade. Cidadãos dos Países Baixos são livres no exercício individual e coletivo da fé, e o Estado não interfere nessa esfera. O terceiro princípio é o da lei civil. O funcionamento das igrejas, tanto em termos internos quanto externos, encontra-se limitado pelas leis civis. Ainda que as igrejas tenham uma posição especial dentro da lei, os princípios gerais se aplicam também a elas. Mais tarde, como resultado do surgimento de movimentos católicos e Neocalvinistas emancipacionistas na sociedade holandesa, um quarto princípio foi adicionado a esses três: o Estado deve promover a participação de grupos religiosos na sociedade e garantir a pluralidade religiosa. Esses princípios não significam que haja separação entre Igreja e Estado, ao contrário: seu relacionamento foi muito próximo, principalmente entre 1800 e 1980. O Estado organizou a administração da membresia religiosa, pagou o clero, financiou a construção de igrejas e de muitas organizações religiosas sociais, promoveu a teologia moderna no início do século XIX e suprimiu tendências ortodoxas, limitando a liberdade de procissão para os católicos; o Rei deu uma nova constituição à Igreja Protestante em 1815 e todas essas medidas políticas foram administradas entre 1800 e 1870 por dois ministros de Estado – um para os católicos, um para os protestantes. Foi apenas em 1985 que os laços entre a Igreja e o Estado se tornaram mais fracos<sup>14</sup>. Mas, mesmo hoje, a Igreja e o Estado são esferas mais independentes uma da outra do que propriamente separadas.

<sup>11</sup> Cf. E.Sengers. God for a good life: In: R.R.Ganzevoort; A.C.Mulder (eds.). *Weal and woe II: Empirical explorations and theological reflections*. pp.133-143.

<sup>12</sup> Cf. J.Becker.; J.De Hart, *Godsdienstige veranderingen in Nederland*, p.65 e p.69.

<sup>13</sup> Cf. S.C. Van Bijsterveld, *Overheid en godsdienst*.

<sup>14</sup> Cf. E.Sengers, “*Al zijn we katholiek, we zijn Nederlanders*”, pp.67-70, pp.129-131, pp.152-153.

## Funções religiosas no mercado

### *A religião e sua dimensão*

A formulação de uma definição instrumentalizável de religião começa classicamente com a discussão sobre as definições funcionais e substanciais de religião. Definições substanciais afirmam o que a religião – de acordo com cada autor – é; definições funcionais dizem o que a religião faz. O tipo de definição é muito importante e tendencioso para a pesquisa: diga-me qual a sua definição de religião e eu te direi o que você considera ser o futuro da religião. Os dois tipos de definição têm seus prós e contras. Geralmente, uma definição funcional de religião cabe melhor para discutir novas formas de religiosidade. Definições funcionais da religião podem identificar religião em outros lugares além dos corpos religiosos tradicionais e veem a demanda religiosa em toda a sociedade – portanto, elas não são negativas sobre o futuro da religião. Definições substanciais, por outro lado, geralmente enfatizam estritamente a característica sobrenatural de seus sujeitos. Portanto, esse tipo de definição não é tão adequado para discernir alternativas à religiosidade tradicional e vê a religião em declínio quando a demanda por suas formas específicas está em declínio. Por outro lado, definições substanciais ajudam a distinguir entre diferentes tipos de sistemas de significados, o que está mais próximo da realidade cotidiana.<sup>15</sup>

Não faria sentido oferecer um panorama extensivo e exaustivo da discussão sobre as definições de religião neste momento, nem prover uma definição alternativa de religião. O propósito é salientar algumas características da disposição religiosa que podem ser usadas para investigar o assunto. Para mim, um ato é religioso quando:

- Diz respeito a um ser, um poder, uma força ou uma realidade (perceptivelmente) sobrenatural;
- Quando seu objetivo é estabelecer uma relação com essa realidade;
- Quando a relação com essa realidade ajuda a responder ou resolver questões e problemas existenciais, fundamentais ou últimos da humanidade.

Esses pontos formulam-se como um questionamento da realidade empírica: o que é que você faz e o qual é o relacionamento com outras práticas que conhecemos? Minha questão é: é religião o que os supramencionados empreendedores fazem?

<sup>15</sup> Ver, entre outros, sobre essa discussão, Furseth/Repstad, 2006, pp. 16-22.



Suas ações supõem uma realidade sobrenatural? Eles querem estabelecer uma relação com essa realidade? E eles respondem aos problemas e questões últimas?

### *As economias da religião*

Para uma descrição do mercado religioso, seguirei a teoria de Stark & Finke.<sup>16</sup> Para eles, há constante demanda por produtos religiosos; em outras palavras: para recompensas não tangíveis e que são providas por poderes sobrenaturais. Exemplos são a vida eterna e a graça. Isso cria a necessidade de um aspecto atraente para oferecer esses produtos. O grau de oferta desses produtos e sua variedade dependem do grau de regulação da relação entre fornecedores e consumidores. O Estado tem um papel importante nessa regulação, estabelecendo uma religião estatal ou permitindo a existência de múltiplas organizações religiosas. Mas também é possível que organizações existentes regulem o mercado, quando elas são muito fortes ou se combinam em um cartel contra o qual os competidores não têm chance.<sup>17</sup> A secularização, segundo Stark & Finke, ocorre quando as pessoas escolhem alternativas seculares aos produtos religiosos e se afastam de organizações tradicionais. Especialmente em um mercado religioso liberal, é possível se afastar e estabelecer novos produtos. Seguindo essa teoria, devemos situar os fornecedores comerciais de produtos religiosos - uma alternativa aos fornecedores tradicionais, como as igrejas - em um contexto de uma sociedade secularizada e liberal.

Quando se oferecem produtos religiosos com bases comerciais, eles têm de ser “comodificados”, como dizem os sociólogos.<sup>18</sup> Isso significa que o valor que esses produtos carregam passa a ser expresso em termos monetários, o que possibilita trocá-los mais facilmente por produtos não religiosos. A comodificação de produtos religiosos tem diversas consequências importantes. Primeiro, trata-se, em certo sentido, da secularização desses produtos: o valor religioso intrínseco se expressa em termos seculares. Isso é necessário, como dito, para facilitar essa troca. Segundo, torna-se possível o desenvolvimento de alternativas seculares com o mesmo valor. Isso significa que surgirão produtos competitivos que serão oferecidos por organizações competitivas. Esses produtos podem se tornar mais atraentes do que aqueles oferecidos por organizações tradicionais, das quais, como resultado, as pessoas (ou consumidores, clientes) sairão. Terceiro, implica que a relação entre o fornecedor e o consumidor se torne mais distante: trata-se apenas de um produto que é comprado e todas as outras dimensões que o acompanham

<sup>16</sup> Cf. R. Finke; R. Stark, *Acts of Faith*.

<sup>17</sup> Cf. E. Sengers, *European exceptionalism*. In: G. Pickel; O. Müller (eds.), *Church and religion in contemporary Europe*, pp. 167-182.

<sup>18</sup> Cf. B. Van de Kerckhove, *Van standenmaatschappij naar moderne samenleving*. In: J. Van Hoof; J. van Ruyseveldt (eds.), *Sociologie en de moderne samenleving*, pp. 65-66.

se perdem. Torna-se mais fácil para o cliente mover-se entre alternativas religiosas, quase religiosas ou seculares. A comodificação ou comercialização de produtos religiosos é, destarte, necessária para aumentar o possível número de clientes, mas implica em níveis mais baixos de adesão.

Neste artigo, foco o segundo aspecto: a possibilidade de se desenvolverem alternativas seculares. Isso significa que os fornecedores de produtos religiosos devem passar a esperar fornecedores de produtos que são comparáveis aos seus, e que seus clientes possam mudar de loja. Para indicar quais produtos podem ser mais adequados às alternativas seculares, é útil seguir as distinções de Stolz.<sup>19</sup> Ele afirma que as pessoas procuram o preenchimento de necessidades humanas básicas. Desta forma, os fornecedores têm de produzir bens intermediários e conseguir transformá-los em bens finais. Como bens eclesiais intermediários, ele identifica afiliação, posições individuais, serviços, atividades coletivas, bens públicos e mercadorias. Entre os bens finais da igreja, ele distingue entre objetivos transcendentais finais (vida após a morte) e bens finais imanentes (conforto, ajuda, identidade etc.). Com essas distinções, torna-se possível identificar onde os maiores competidores para as igrejas estarão e de onde eles virão. Os competidores mais difíceis estarão entre os bens intermediários e os bens finais imanentes. Stolz também identifica cinco competidores: segurança e bemestar social, cuidado profissional com a alma (psicoterapia), estruturação do ciclo da vida, atividades de lazer e carreira.

### **Funções da religião**

Além do conteúdo religioso, as religiões também exercem funções sociais – para as sociedades, para grupos e para indivíduos. Uma visão prática dessas funções nos é dada por O’Dea.<sup>20</sup>

- Apoio, consolação e reconciliação: as religiões oferecem maneiras de aceitar as tragédias da vida, reintegrá-las ao ciclo da vida e de se reconciliar com a sociedade quando se está alienado de seus objetivos.

- Segurança e identidade: porque as religiões oferecem uma relação transcendental, elas podem dar segurança histórica, presente e futura. Elas podem estabelecer barreiras morais para a vida social através de seus ensinamentos autoritários.

---

<sup>19</sup> Cf. J. Stolz, A silent battle: Theorizing the effects of competition between churches and secular institutions. In: *Review of Religious Research*, pp. 253-276.

<sup>20</sup> T.F. O’Dea, *The Catholic Crisis*, pp.14-16.

- Sacralidade e legitimidade: as religiões proveem um sagrado e, desta forma, posições especiais ou privilegiadas para atividades, relações ou instituições humanas. Além disso, podem prover uma legitimação divina para essas atividades, relações ou instituições, dando-lhes um poder extra. Essa função também ajuda no controle e na disciplina social sobre as ações individuais.

- Profética: as religiões também têm a função de direcionar formas alternativas e de colocar a situação contemporânea sob escrutínio. Dessa forma, elas podem contribuir para a mudança e para a melhoria das relações sociais.

- Identidade: as religiões definem os limites de um grupo e, desta forma, oferecem identidade para indivíduos, grupos e sociedades. Elas estabelecem relações entre as pessoas desse grupo mesmo quando eles não se conhecem fisicamente. Elas definem quem está em que grupo e quem está fora dele.

- Crescimento psicológico: porquanto as religiões proveem visões da boa vida, da situação última e perfeita, elas fornecem um ímpeto para o crescimento espiritual e psicológico. Seus seguidores aprendem como lidar com os aspectos negativos da vida, com fracassos e passos em falso.

### *Atividades religiosas*

Finalmente, há diversas atividades sociais que podem ser identificadas como atividades tipicamente desenvolvidas por organizações religiosas. A primeira é o “pastorado”. Não é fácil encontrar definições sociológicas para essa atividade, especialmente porque há enormes diferenças na maneira como essas atividades são definidas por cada denominação. Por exemplo, nas igrejas protestantes, o pastorado é visto como o cuidado individual da alma, enquanto que, em círculos católicos, atividades em grupo para estudantes ou jovens também são vistas como pastorado. Destarte, dependendo aqui de uma definição pessoal, porém instrumental: o pastorado compreende atividades desenvolvidas por especialistas religiosos ou pessoas por eles designadas, para manter indivíduos, grupos especiais ou a comunidade como um todo focados nos objetivos sobrenaturais prescritos pela igreja. O pastorado pode ser desenvolvido em conversas individuais, em que necessidades ou questões pessoais são resolvidas a partir de uma perspectiva religiosa. Mas o pastorado também pode ser exercido em atividades sociais, como grupos de jovens ou atividades sociais para os idosos. Na maior parte das denominações, o pastorado é exercido por pessoas ordenadas (como padres), mas, algumas vezes, leigos (como nas Igrejas Calvinistas) podem também temporariamente realizar deveres pastorais em grupos ou times.

Outra atividade característica das organizações religiosas são os rituais que se combinam em uma liturgia. “Ritual” é um conceito muito comum nas Ciências Sociais, especialmente na Antropologia. Smith<sup>21</sup> o define como “ações humanas sujeitas à convenção e estilizadas”. Ele especifica ainda mais essa definição, dizendo que essas ações “organizam-se tendo como referência códigos culturais universais e que geram respostas emocionais poderosas entre os participantes”. Essa é uma definição secular dos rituais. Em um contexto religioso, os rituais têm funções mais específicas. Primeiro, eles são necessários para tornar presentes poderes sagrados que normalmente são invisíveis. Segundo, os rituais são necessários para estabelecer uma relação entre esses poderes sagrados e o crente, uma relação que, em circunstâncias cotidianas, é difícil de ser estabelecida. Terceiro, os rituais estabelecem uma relação entre os crentes. Ao realizar as mesmas ações como um grupo, a unidade e a identidade do grupo se confirmam. Finalmente, os rituais são importantes em certos momentos da vida para marcar a transição de um estágio para outro: do nascimento para a pertença à comunidade; de criança para adulto; de adulto para pessoa casada; da morte para uma nova forma de vida.

O pastorado e os rituais focam-se sobre a terceira atividade de destaque nas organizações religiosas: eles criam comunidade. Organizações religiosas, através de suas mensagens universais, criam uma comunidade entre pessoas que se conhecem e que não se conhecem. Elas tornam as pessoas membros de certa comunidade e as guiam pelas normas e valores dessa comunidade. É nessa comunidade religiosa que a maioria das pessoas experimenta as funções sociais da religião: identidade, consolação, apoio e outras.

## Novos fornecedores

### *Serviços relacionados ao ciclo da vida*

Há múltiplas ofertas de ritualizações de momentos críticos do ciclo da vida.<sup>22</sup> Uma das primeiras ofertas foi a do *Rent-a-priest (Alugue um padre)* ([www.rentapriest.nl](http://www.rentapriest.nl)), modelada seguindo uma iniciativa belga que partiu de pastores excluídos do serviço religioso. Os padres de aluguel são um grupo de (ex)pastores, protestantes e católicos (de acordo com sua descrição, não há uma lista de pastores publicada), disponíveis para realização de rituais como batismo, casamento, bênção, funeral e mesmo divórcio. Há lugares, principalmente igrejas monumentais que não são mais usadas para serviços regulares, onde essas celebrações acontecem.

<sup>21</sup> Cf. R. Smith, Ritual. In: G. Ritzer (ed.), *Blackwell Encyclopedia of Sociology online* Smith.

<sup>22</sup> Além disso, muitas publicações podem ser usadas como autoajuda e inspiração, como, por exemplo, C. Berkvens-Stevelling, *Vrije rituelen: Vorm geven aan het leven* ou B. Bijma, *Herinneringen aan alle zielen*.

Esses rituais não se submetem à autoridade de uma ou outra igreja, portanto não estão nos registros oficiais. Seu benefício é que podem ser organizados de forma mais livre e personalizada, já que não têm que seguir nenhum regulamento oficial. Esses pastores deixam claro que empregam tempo em descobrir as necessidades e os desejos pessoais dos clientes. Há muitos outros *sites* que oferecem um escopo completo de rituais relacionados ao ciclo da vida. Um exemplo é [www.conno.info](http://www.conno.info) que, segundo sua página, oferece pregações e rituais “para casamentos e um funeral”, em referência ao popular filme britânico. A diferença para com o *Rent-a-priest* é que ele não traz nenhuma conotação cristã. O que se oferece é um momento espiritual; cujo significado pode ser obscuro, mas pessoal. Muitos fornecedores espirituais estão ligados a uma organização profissional de abrangência nacional ([www.lbvr.nl](http://www.lbvr.nl))<sup>23</sup> e recebem treinamento para se tornar ritualistas profissionais.

O momento da morte também é uma ocasião bem-vinda para empreendedores comerciais. O *site* [www.uitvaartvernieuwers.nl](http://www.uitvaartvernieuwers.nl) (renovação do enterro) oferece uma visão panorâmica de serviços alternativos. Para nossos propósitos, três categorias são relevantes: oradores para funerais, serviços rituais e serviços de luto. Na primeira categoria estão os voluntários da Aliança Humanística ([www.humanistischeuitvaart.nl](http://www.humanistischeuitvaart.nl)), o grupo mais antigo e menos comercial. Desde a década de 1990, eles assistem em cerca de três mil funerais por ano. Seu método é a palavra: depois de algumas conversas com os parentes, eles preparam um discurso em que a vida da pessoa é respeitada e avaliada. Eles também estão disponíveis como mestres de cerimônia quando há serviços realizados por amigos e parentes com diferentes discursos. Há um pequeno curso de dois finais de semana e quatro experiências práticas, antes que o voluntário seja licenciado para um funeral humanístico. Outros empreendedores também estão em atividade no campo dos discursos, seja para escrevê-los ou para combiná-los com a declaração.

Alguns desses também oferecem serviços rituais combinados a discursos, como buscas por símbolos motivadores, velas, atos e (ou) música. Um serviço especial dentro dessa categoria é o palhaço do enterro ([www.gentleclowning.nl](http://www.gentleclowning.nl)). Na última categoria, o website lista cerca de dez iniciativas (principalmente) de indivíduos que assistem o luto. Eles o fazem baseados em métodos artísticos (para dar início ao processo emocional) ou psicológicos, alguns são credenciados como conselheiros profissionais. Em comum, todos os empreendedores nas três categorias têm três elementos. Primeiro, eles reforçam o fato de serem independentes de uma igreja e (ou) religião (o que não exclui a possibilidade de alguns deles terem noções religiosas bastante abstratas), de forma que, segundo, eles podem

<sup>23</sup> LBvR, *Landelijke Beroepsvereniging van Ritueelbegeleiders* [Associação Nacional dos Supervisores de Rituais, N.T.]

oferecer uma atenção muito mais personalizada à memória do falecido e à tristeza dos parentes. Obviamente, os serviços oferecidos pela(s) igreja(s) são entendidos como abstratos e impessoais e, portanto, de pouca ajuda. Terceiro, a maior parte deles destaca a incapacidade do homem moderno de passar pelo luto ou expressar pesar. Eles se apresentam como uma ajuda profissional que devemos nos permitir contratar em situações turbulentas.

Finalmente, também é possível usar rituais para superar experiências traumáticas na vida das pessoas. A importância dos rituais para a cura já foi mostrada por Menken-Bekius<sup>24</sup> em relação às igrejas cristãs, mas eles também são utilizados por firmas comerciais. Um exemplo é o *rituelenwerkplaats – workshop* de rituais – de Clara Velema ([www.rituelenwerkplaats.nl](http://www.rituelenwerkplaats.nl)). Ela oferece rituais para momentos como seu primeiro dia de aula, uma mudança para uma nova casa, mudança ou perda de emprego etc. Mas seu lugar é o ambiente de trabalho: ela oferece materiais e alternativas criativas, para que através de desenhos, esculturas ou modelagem de argila, cada um possa criar sua própria maneira de se lembrar de momentos doloridos ou queridos. Ela oferece esses cursos tanto para indivíduos quanto para grupos, mas também para firmas e companhias que têm de lidar com perdas. O que é interessante é que ela é credenciada e pode ser paga pelo seguro saúde.

### ***Serviços relacionados às questões da vida***

Quando tinham problemas pessoais, as pessoas costumavam ir a um padre ou a um pastor da igreja. Hoje, é muito comum terem um treinador. Trata-se de uma pessoa que ajuda outras a descobrirem as motivações mais profundas para suas ações. Acredita-se que, quando essas motivações são conhecidas, as ações podem ser mais efetivas, trazer mais prazer e respeitar mais o ambiente. Um exemplo muito interessante de treinador está no *website* de Jim van der Vennen, em <http://uw-mentalcoach.com>. Ele afirma que, durante sua carreira como supervisor e gerente, sempre se interessou pela questão “por que uma pessoa tem mais sucesso do que outra?” A resposta está, acha ele, nas estruturas mentais das pessoas, e ele quer ajudá-las a treinarem a si próprias para obter o máximo de suas vidas. Especialmente quando as pessoas passam por períodos difíceis em suas vidas, precisam de alguém que as ajude a reencontrar seus poderes e possibilidades, Jim afirma em seu *website*. Se você puder encontrar esse poder novamente, a situação torna-se teoricamente melhor para o empregador e o empregado. Logo, é por esse motivo que Jim não trabalha apenas com indivíduos (planejamento de carreira, empreendedorismo pessoal), mas também com organizações (reorganização, construção

---

<sup>24</sup> Cf. C.Menken-Bekius, *Rituelen in hetindividuele pastoraat*. .

de espírito de equipe e reintegração no ambiente de trabalho). É nesse espaço que seu poder se encontra, afirma Jim: na fronteira entre o indivíduo e a organização.

Hoje em dia, parece que ser treinador compreende um campo de atuação muito diversificado. Em um *website* em que treinadores fazem propagandas de si mesmos ([www.offerti.nl](http://www.offerti.nl)), encontrei categorias como treinadores de carreiras, treinadores de execução (para competências), treinadores executivos (para gerentes), treinadores de negócios e treinadores financeiros. Parece que se pode oferecer qualquer serviço quando se adiciona a palavra “treinamento”. Dois tipos de treinamento se aproximam da função básica da religião: por um lado, o treinamento para a vida (para o significado da vida) e, por outro, o aconselhamento (cura emocional). Há um número considerável de treinadores que oferecem todas essas formas ao mesmo tempo, por exemplo, em [www.kujncoaching.nl](http://www.kujncoaching.nl). Muitos treinadores trabalham com a Gestalt-Terapia. Trata-se de uma terapia psicológica desenvolvida por Fritz Perls na década de 1940. Essa terapia desenvolveu-se em oposição à psicoterapia, que foca nas fundações essenciais do comportamento psicológico. A Gestalt-Terapia foca mais na pessoa como um todo: corpo e alma, relações e ambiente, história pessoal e experiência contemporânea. Um dos treinadores que afirma ter sido importante na instrumentalização da Gestalt-Terapia para o treinamento é Jon van den Ende ([www.opvoedeniskinderspel.nl](http://www.opvoedeniskinderspel.nl)). Essa ligação a uma terapia psicológica reconhecida (Gestalt) é importante do ponto de vista financeiro: oferece aos clientes a oportunidade de serem reembolsados por seus planos de saúde pelo pagamento desses treinadores.

Principalmente em ciclos cristãos, o aconselhamento é muito popular, em combinação com o pastorado. Também há alguns pastores, ou autoproclamados pastores, que oferecem conversas pastorais com bases comerciais. No *site* [www.pastor.nl](http://www.pastor.nl), um pastor protestante – na verdade, membro de uma das igrejas mais ortodoxas – oferece seus serviços também para o público em geral. O Reverendo Jan Kiers foi professor no Ensino Médio e pastor em uma comunidade local; depois, foi transferido para uma instituição de cuidados para portadores de doenças psiquiátricas. Ele é credenciado como supervisor e seus honorários por supervisão são de €\$65 por hora, e seu público-alvo é composto por pessoas que trabalham na esfera social. Ele não esconde sua experiência cristã, mas a coloca como uma maneira aberta e moderna de abordar questões que muitas pessoas têm como “qual é o significado do Natal?” Outro exemplo é o de Janneke Bos, que oferece ajuda cristã psicopastoral em seu serviço *interno-externo*. Ela tem treinamento em trabalho sociopsicológico e quer combiná-lo com a perspectiva cristã a respeito da ajuda para trazer um aspecto profissional ao pastorado das igrejas. Alguns conselheiros se uniram em um “grupo de trabalho de cuidadores espirituais livres” ([www.geestelijkeverzorging.com](http://www.geestelijkeverzorging.com)). Muitos deles trabalharam como capelães em hospitais,

prisões ou exércitos, onde receberam um treinamento verdadeiramente profissional juntamente com o teológico. Agora, eles oferecem esses serviços ao público geral com questões sobre o significado da vida ou que procuram pela “autonomia existencial a partir da qual se pode moldar a vida” (de acordo com o *website*). Os conselheiros têm por base uma denominação, mas não são missionários: eles se focam nas questões trazidas pelos clientes e pelos caminhos que cada um deles tem de percorrer. Também aqui o seguro saúde está disposto a pagar os custos, já que estes conselheiros são credenciados em associações psicológicas profissionais.<sup>25</sup>

### *Serviços relacionados à coesão social*

Uma instituição importante na sociedade holandesa é a de mediador. Um mediador é uma pessoa que tenta reconciliar duas partes em conflito. Esse conflito pode dizer respeito a qualquer aspecto das relações sociais. Há mediação para casais que querem o divórcio, para empregados que são despedidos e que não concordam com a dispensa, para compras não amistosas de empresas, para vizinhos que têm um conflito. O mediador não toma partido, ele ou ela ajuda a criar uma solução que seja aceitável para ambas as partes (segundo a descrição encontrada em [www.themediatorscompany.nl](http://www.themediatorscompany.nl)). Essa solução pode ser apresentada a um juiz, que toma a decisão. Nesse sentido, a mediação é uma alternativa mais barata aos advogados e aos procedimentos legais mais custosos. Mas há mais. A mediação apresenta soluções que são aceitáveis para as duas partes e, destarte, cria soluções sustentáveis para o futuro. Logo, a mediação deve lidar com outros aspectos do caso além do legal; emoções, experiências e sentimentos também têm seu espaço nas conversas. E a mediação faz com que pessoas que não estavam mais em contato de maneira saudável falem umas com as outras. Dessa forma, as atividades dos mediadores podem ser caracterizadas como de cura. Em 2009, havia cerca de 4.300 mediadores nos Países Baixos, de acordo com o Instituto de Mediação dos Países Baixos ([www.nmi.nl](http://www.nmi.nl)) que cuida do credenciamento de mediadores. 60% deles eram mulheres e 40%, homens, e a média de idade era de 50 anos. O Instituto cuida da certificação depois de uma avaliação prática. Mediadores certificados podem trabalhar por ordem judicial, quando um juiz decide que duas partes conflitantes precisam, primeiro, de mediação.

A contribuição de Aupers<sup>26</sup> descreve como organizações religiosas (Nova Era) oferecem cursos de negócios e gerenciamento explicitamente com o objetivo de melhorar a eficiência de firmas comerciais. Alguns exemplos disso também

<sup>25</sup> Ver também H.Zock, *Beroep of roeping? Geestelijke zorg in de 21e eeuw*, que contribui para a profissionalização dessa profissão na Universidade de Groningen.

<sup>26</sup> Cf. Aupers, S. ‘We are all gods’. In: E. Sengers (ed.). *The Dutch and their gods*, pp. 188-196.



podem ser vistos entre os treinadores, como, por exemplo, no trabalho de van Van der Vennen. A comercialização da Nova Era começou em meados da década de 1980, quando ficou claro que muito do protesto social não havia funcionado e que outros meios de mudança tornavam-se necessários. A mudança, então, faz parte de uma forma mais prática de pensar que surgiu nesse período. Um primeiro sinal desse movimento em direção a um público mais amplo foi a emergência de livros espirituais populares que apresentaram as ideias da Nova Era de maneira prática; um segundo sinal foi a publicação de revistas populares e o surgimento de programas de rádio e televisão. Isso levou a uma explosão de treinamentos espirituais para gerentes de treinamentos *in-company*. A religião Nova Era tem sido usada em treinamentos para superar as fraquezas pessoais enquanto gerentes, com o intuito de tornar essas pessoas lideranças mais autênticas, ensinando-lhes a usar poderes espirituais em estilo gerencial e a abordar empregados em um nível mais espiritual e, portanto, mais efetivo. Técnicas de meditação da Nova Era também são usadas nos ambientes de trabalho para criar momentos coletivos de alívio ao *stress* diário e para restaurar o equilíbrio pessoal e coletivo. Aqui, torna-se claro que a espiritualidade da Nova Era também oferece um meio de fortalecer os laços e o moral do grupo. Deve-se dizer que, depois de passado o *boom* da internet da década de 1990, a demanda por esses cursos diminuiu.

Um exemplo de uma perspectiva mais cristã é o trabalho da Dra. Birgit Verstappen, que trabalhou no passado nos serviços pastorais da diocese de Breda. Desde 2010, ela tem sua própria companhia, *Broze (Frágil, www.broze.nl)*, que oferece cursos espirituais de negócios e de liderança, inspirados nos ensinamentos do monge beneditino alemão Anselm Grün. Os temas desses cursos visam, de acordo com o *website*, “dar liderança a você mesmo, boa comunicação e autenticidade”. Seguindo essa linha, os cursos dão muita atenção à identidade e à espiritualidade pessoal do líder, suas fontes e exemplos espirituais e à função da organização e da pessoa em um contexto social. Consequentemente, Verstappen também oferece cursos tais como “trabalho com espírito”, nos quais os empregados podem aprender a descobrir o significado mais profundo de seu trabalho para desempenhá-lo com mais equilíbrio e energia. Ainda que Verstappen parta de uma perspectiva cristã bastante clara – e, de fato, os cursos de liderança são oferecidos em um mosteiro trapista – ela combina em seu trabalho outras tradições religiosas. Por exemplo, ela oferece cursos de meditação com técnicas de várias religiões orientais, como Budismo e Taoísmo, e treinamento individual baseado na “sabedoria tibetana”.

## Conclusões

Os Países Baixos oferecem um solo frutífero para atividades religiosas comercializadas. Primeiro, praticamente não há controle estatal, exceto quando a saúde ou a segurança pública está em perigo. Segundo, os fornecedores tradicionais da religião (igrejas) são fracos. Terceiro, há ainda ecos de uma grande necessidade por respostas religiosas ou espirituais. Quarto, embora não seja mencionado neste artigo, há um ponto importante: os holandeses são financeiramente bem sucedidos e podem pagar esses fornecedores. Isso significa que uma grande diversidade de fornecedores religiosos ou quase religiosos pode aparecer. Neste artigo, foquei a natureza religiosa desses fornecedores e em uma classificação dessas atividades, de fato, bastante diversificadas. Eu defini uma atividade como “religiosa” quando há relação com uma realidade sobrenatural. Então, descrevi a tese de que, em um mercado religioso, esse tipo de atividade está sujeita ao processo sociológico de comodificação: também produtos que não são tangíveis se tornam objetos de e passam a ser definidos por um valor monetário. Então, descrevi as funções clássicas da religião para a sociedade, para terminar com três atividades típicas da religião: serviços relacionados aos ciclos da vida, serviços relacionados às questões da vida e serviços relacionados à coesão social. Foi com essa estrutura que procurei classificar e interpretar várias atividades encontradas na *internet* e em outras fontes.

A primeira questão que eu quero responder é se estamos lidando aqui com “religião”. Creio que sim. Um denominador comum a todos os exemplos é a tentativa de chegar às fontes de um self interno e retornar ao self autêntico. Isso ganha um status tão absoluto, que podemos falar de um ser sobrenatural com o qual se cria um relacionamento. Os fornecedores descritos oferecem meios, palavras e rituais para chegar a esse self interno. Nesse sentido, essas novas formas podem ser classificadas como religiões da Nova Era<sup>27</sup>, nas quais a crença na presença interna e individual de Deus é proeminente. Ao mesmo tempo, nós devemos concluir que muitos deles não colocam essa noção religiosa em primeiro plano. Ao contrário, se as formulam com palavras psicológicas e que dão poder ao indivíduo. Aqui, encontramos o segundo aspecto, o da comodificação. Esses fornecedores sabem muito bem como “vender” suas atividades. Ao colocá-las em uma moldura (sócio) psicológica, conseguem atrair a atenção de um público que pode estar vagamente interessado em religião, mas que não a está praticando. Através da ênfase que colocam no sucesso pessoal, nos negócios, no bem-estar e nas relações sociais, referem-se à ética individualista do sucesso intra-mundano, típica de nossa época. Esse também é o caso dos serviços relacionados aos ciclos da vida que são menos

---

<sup>27</sup> S.Aupers; D.Houtman, The spiritual turn and the decline of tradition. In: *Journal for the Scientific Study of Religion*, pp.305-320.

orientados pelo sucesso ao abrir mão do aspecto religioso e adapta os rituais às necessidades individuais, customizando-os. As pessoas estão dispostas a pagar por esses serviços - e o que mais me surpreendeu: em alguns casos, até mesmo os seguros saúde estão dispostos a reembolsar seus clientes. Os exemplos mostram que esses empreendedores são capazes de comodificar seus serviços muito melhor do que outros empreendedores religiosos.

A segunda questão é se esses exemplos exercem as funções da religião. Aqui, encontramos algumas falhas. Quando seguimos a distinção das funções da religião oferecida por O’Dea, vemos que algumas delas são bastante bem exercitadas por esses fornecedores e outras não. As atividades comerciais são muito fortes em prover consolação e crescimento psicológico. Elas também provêm segurança e identidade, mas não da mesma forma que os atores religiosos. O ponto focal desses novos empreendedores é a biografia individual, enquanto que os “antigos” atores religiosos falam a partir de um ponto de referência histórico muito mais longo. Esse também é o caso das funções de sacralidade e de identidade de grupo: elas apenas se aplicam em algumas das relações íntimas – não para grupos maiores ou para o todo da sociedade. A função profética está ausente e o motivo para isso é claro: como Aupers descreveu, grupos de consultoria Nova Era tornaram-se bem sucedidos porque a Contracultura desistiu desse aspecto de sua identidade. A comodificação e o protesto social não se misturam bem. Ainda assim, encontramos exemplos de novas ofertas em três atividades dos atores religiosos: ritualidade, pastorado individual e coesão de grupo.

O que essa pesquisa diz sobre a situação da religião nos Países Baixos? Do ponto de vista científico-metodológico, não muito. Os exemplos dados foram escolhidos aleatoriamente e não se pretendem representativos; não é possível medir os participantes ou estimar a influência desses operadores sobre a sociedade mais ampla. Além disso, a informação foi obtida na *internet* e precisa de uma investigação empírica muito mais profunda (e, talvez, participação) para se obter um melhor entendimento da compreensão que os participantes têm dessas iniciativas e das relações entre as alternativas religiosas e seculares. Desta forma, precisamos de uma versão holandesa do projeto Kendal<sup>28</sup>, que investigou todas as atividades religiosas em uma pequena cidade. Há, contudo, outros indicadores da proliferação desse tipo de religião. Em uma publicação já relativamente superada, a proliferação de e a familiaridade com formas alternativas de religião foi investigada.<sup>29</sup> As principais conclusões foram de que o público que elas alcançam é limitado, variando de algumas centenas até alguns milhares para os mais populares. As pessoas estão bem

<sup>28</sup> Cf. P.Heelas; L. Woodhead, *The spiritual revolution*.

<sup>29</sup> Cf. J.W. Becker; J.De Hart; J. Mens, *Secularisatie en alternatieve zingeving in Nederland*.

familiarizadas com formas alternativas de religião, entretanto, não participam delas. Isso pode, claro, ter mudado nos 15 anos que se passaram desde essa publicação, já que a secularização e o afastamento das igrejas aumentou. Mas pesquisas mais recentes feitas por De Hart<sup>30</sup> confirmam um limitado número de adeptos desse tipo de atores religiosos. Ele estima que o número de verdadeiros crentes em novas religiões seja substancial, porém pequeno, cerca de 8% da população holandesa. O que é mais interessante, esse grupo é mais ou menos fluido. Também pessoas registradas como membros da igreja fazem uso das ofertas das novas religiões. Isso não é estranho, já que elas não são, geralmente, tão ligadas à sua organização e ainda sentem a necessidade de preencher suas necessidades religiosas. O mercado para opções religiosas comerciais novas é desta forma, muito maior do que os dados oficiais podem sugerir (como o exemplo dado na introdução indica), mas é muito difícil estimar sua proliferação.

Que ação resta às igrejas tradicionais? Quais são seus pontos fortes? Aqui, prefiro um ponto de vista mais prático-teológico. A primeira coisa que as igrejas podem fazer muito bem é oferecer uma comunidade. Os exemplos discutidos criam uma comunidade instantânea, mas não duradoura. Para prover uma resposta a muitos problemas que as pessoas encontram, é necessária uma comunidade mais duradoura. Comunidades instantâneas também podem criar dependência do terapeuta ou do “pastor” que oferece esses serviços. Entretanto, é em uma comunidade que o ser humano enquanto ser social pode alcançar seu destino último. Um segundo ponto que diferencia corpos religiosos tradicionais é que eles proveem caridade. Os exemplos dados não fazem isso: eles apenas trabalham com problemas individuais.

Todo aspecto de que as pessoas estão lá pelos outros não aparece em suas visões e atividades<sup>31</sup>.

Um terceiro aspecto, conectado a esse, é que as igrejas podem prover protesto profético. O aspecto social completo do sofrimento permanece ausente: quais são as estruturas injustas que permitem o aparecimento dos problemas com os quais as pessoas lutam e como abordar essas estruturas? As igrejas, com suas visões de um Deus sobrenatural, podem efetivamente abordar essas questões, já que sua ajuda não vem de um poder intramundano, ao qual esse poder está imbricado, mas de um poder que está fora.

Finalmente, um ponto forte das igrejas é que seus serviços são gratuitos, ou seja: não há tarifas comerciais para seus produtos. De outra forma: seus serviços

---

<sup>30</sup> Cf. J. De Hart, Postmoderne spiritualiteit. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*, pp.118-192.

<sup>31</sup> Como ponto central para religiões monoteístas, cf. E. Sengers; B. Koet, *Chesed, Caritas, Diaconie, Zakaat*.

não foram tão comodificados e podem melhor se apresentar como presentes gratuitos de um Deus amoroso. Por outro lado: esse pode ser o ponto de partida para a fraqueza das igrejas. Como seus serviços são gratuitos, torna-se menos claro que seus serviços são válidos. Na teoria da escolha racional, você precisa colocar um preço para mostrar que os produtos valem à pena<sup>32</sup>. E os produtos das igrejas não estão indo bem no mercado no momento: quanto pedir por eles? Em tempos pós-modernos, as pessoas desconfiam de organizações institucionais e, especialmente, de organizações que retratam histórias longas e totalitárias. Organizações que proclamam saber mais do que as outras. As igrejas têm um problema para clarear seus pontos específicos em um mercado cada vez mais competitivo para os produtos religiosos. Não há outra maneira de aprimorar o nível do serviço, a não ser aprender com os outros competidores, diferenciar a palheta de produtos e, ao mesmo tempo, defender elementos cristãos específicos.

### Bibliografia

- Aupers, S. 'We are all gods'. *New Age in the Netherlands 1960-2000*. In: E. Sengers (ed.). *The Dutch and their gods. Secularization and transformation of religion in the Netherlands since 1950*. Hilversum: Verloren, 2005, pp.181-201.
- Aupers, S.; Houtman, D. The spiritual turn and the decline of tradition: The spread of post-Christian spirituality in fourteen western countries (1981-2000). In: *Journal for the Scientific Study of Religion*, 46/3 (2007): 305-320.
- Becker, J.; De Hart, J. *Godsdienstige veranderingen in Nederland: Verschuivingen in de binding met de kerken en de christelijke traditie*. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau (electronic supplements at [www.godsdienstigeveranderingen.nl](http://www.godsdienstigeveranderingen.nl)), 2006.
- Becker, J. W.; De Hart, J.; Mens, J. *Secularisatie en alternatieve zingeving in Nederland*. Rijswijk: Sociaal en Cultureel Planbureau, 1997.
- Berkvens-Stevelink, Chr. *Vrije rituelen: Vorm geven aan het leven*. Zoetermeer: Boeken- centrum, 2007.
- Bernts, T.; De Jong, G.; Yar, H. Een religieuze atlas van Nederland. In: W. Van de Donk et al. (eds.). *Geloven in het publieke domein: Verkenningen van een dubbele transformatie*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006, pp.89-138.
- Beyer, P. *Religion and globalization*. London: Sage, 1994.
- Bijma, B. *Herinneringen aan alle zielen. Nieuwe rituelen om de doden te herdenken*. Zoeter- meer: Boekencentrum, 2007.
- Bruce, S. *Religion in the modern world: From cathedrals to cults*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Dekker, G. Het christelijk godsdienstig en kerkelijk leven. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*. Kampen: Ten Have, 2007, pp.12-73.

<sup>32</sup> Cf. E. Sengers, "Al zijn we katholiek, we zijn Nederlanders", pp.49-51.

- Dekker, G.; Stoffels, H. C. *Godsdienst en samenleving: Een introductie in de godsdienstsociologie*. Kampen: Kok, 2001.
- De Hart, J. Postmoderne spiritualiteit. In: T. Bernts; G. Dekker; J. de Hart. *God in Nederland 1996-2006*. Kampen: Ten Have, 2007, pp.118-192
- Finke, R. & Stark, R. *Acts of faith: Explaining the human side of religion*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- Furstedt, I.; Repstad, P. *An introduction to the sociology of religion: Classical and contemporary perspectives*. Aldershot-Burlington: Ashgate, 2006.
- Heelas, P.; Woodhead, L. *The spiritual revolution. Why religion is giving way to spirituality*. Malden: Blackwell, 2005.
- Kronjee, G.; Lampert, M. Leefstijlen en zingeving. In: W. van de Donk et al. (eds.). *Ge-loven in het publieke domein: Verkenningen van een dubbele transformatie*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006, pp.171-208.
- Menken-Bekius, C. *Rituelen in het individuele pastoraat. Een praktisch-theologisch onderzoek*. Amsterdam: proefschrift Vrije Universiteit, 1998.
- O'Dea, Thomas F. *The Catholic Crisis*, Boston: Bacon Press 1968.
- Sengers, E. *"Al zijn we katholiek, we zijn Nederlanders": Opkomst en verval van de katholieke kerk in Nederland sinds 1795 vanuit rational choice perspectief*. Delft: Eburon, 2003.
- Sengers, E. God for a good life: Dutch youth and their views on religion and life course in post-modern society. In R.R.Ganzevoort; A.C.Mulder (eds.). *Weal and woe II: Empirical explorations and theological reflections*. Münster: LIT-Verlag, 2008, pp.133-143.
- Sengers, E. European exceptionalism: lazy churches: Pluralism, adherence and the case of the Dutch religious cartel. In: G.Pickel; O.Müller (eds.), *Church and religion in contemporary Europe: Results from empirical and comparative research*. Wiesbaden: VS-Verlag, 2009, pp.167-182
- Sengers, E.; Koet, B. *Chesed, Caritas, Diaconie, Zakaat: 'Zorg voor de naaste' in Jodendom, Christendom en Islam*. Delft: Eburon, 2010.
- Smith, P. Ritual. In: G. Ritzer (ed.), *Blackwell Encyclopedia of Sociology*. www.sociologyencyclopedia.com. 2007
- Stolz, J. A silent battle: Theorizing the effects of competition between churches and secular institutions. In: *Review of Religious Research* 51/3, (2009): 253-276.
- Ter Borg, M. *Een uitgewaaierde eeuwigheid: Het menselijk tekort in de moderne cultuur*. Baarn: Ten Have, 1991.
- Van Bijsterveld, S. C. *Overheid en godsdienst: Herijking van een onderlinge relatie*. Nijmegen: Wolf Legal Publishers, 2008.
- Van de Kerckhove, B. Van standenmaatschappij naar moderne samenleving. In: J.VanHoof; J.van Ruysseveldt (eds.). *Sociologie en de moderne samenleving: Maatschappelijke veranderingen van de industriële omwenteling tot in de 21ste eeuw*. Heerlen: Open Universiteit, 1996, pp.53-71.
- Zock, H. *Beroep of roeping? Geestelijke zorg in de 21e eeuw*. Delft: Eburon, 2011.

Recebido: 10/07/2011

Aprovado: 31/07/2011